

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Correio Braziliense Class.: Amaz. / Militares
 Data 25/08/93 Pg.: 6 76



Conspirações em marcha

Wagner Teixeira

Com ares de grande novidade, a imprensa tem noticiado que "os militares estão se reunindo", como se isso significasse algo sinistro, inquietante ou ameaçador. É a velha mania dos observadores crônicos de atribuírem eiva de conspiração a qualquer encontro classista, corporativo e até religioso.

Se é fato que os militares estão se encontrando para discutir problemas brasileiros, cabe-nos saudá-los e até desejar que nos convidem para algumas destas tertúlias, pois seguramente temos muito a aprender com eles. E não se elide a hipótese de também podermos ensinar aos cidadãos fardados algumas coisas que eles não tiveram tempo de aprender, por muito se haverem dedicado à vida castrense e às especialidades de aplicação mais corrente.

Sabe-se que os militares não descuidam de sua permanente atualização e propiciam ao quadro efetivo dezenas de oportunidades de aprendizado e reciclagem. Isso, sem falar na Escola Superior de Guerra, à qual têm acesso muitos civis, escolhidos por seu destacado desempenho em variadas profissões e no serviço público. Por isso, não convém duvidar que eles saibam o que estão fazendo, porquanto conhecem o Brasil como ninguém, pelo muito tempo em que serviram em todos os rincões da Pátria.

A suposta conspiração militar é uma das mais irrelevantes que alguém possa inventar. Há outros conluios reais em marcha que, se não forem observados com muita atenção, poderão criar enormes problemas para as autoridades.

Considere-se, por exemplo, a grande articulação popular da campanha nacional de combate à fome, coordenada pelo sociólogo Herbert de Souza — o **Betinho**, um homem de frágil compleição, mas de sólidas idéias. E com este esforço colabora o próprio presidente Itamar Franco, aliás, um militante

ativíssimo de tantas outras campanhas, como, por exemplo, a de defesa dos índios ianomamis, permanentemente ameaçados por cúpidos e violentos garimpeiros.

Há a pertinaz conspiração dos produtores agrícolas, aos quais o Governo oferece escassas condições de incentivos e créditos, ao mesmo tempo em que arrocha, impiedosamente, os devedores do Banco do Brasil, levando centenas deles à falência, ao desespero e até a algumas tentativas de suicídio. A conspiração do campo já não é mais a dos camponeses, pregada por Lenin e Mao-Tse-Tung, mas a dos pequenos, médios e grandes agricultores. Eles teimam em produzir alimentos, em vez de buscarem as cômidas formas de rendimento bancário especulativo.

Perscrute-se, com tino e sabedoria, a grande conspiração do saber desenvolvida nas universidades de todo o Brasil. São os professores mal pagos a enfrentarem suas tarefas docentes com idealismo e dedicação. Diante deles, mais de um milhão de jovens aguardam melhores dias e investem suas melhores esperanças num país que parece não ter destino certo, por perder a tramontana a cada três meses, com trocas incessantes de ministros.

Com estas e outras conspirações estendendo-se pelo Brasil afora, fica difícil o preocuparmo-nos com o fato de que algumas centenas de militares aproveitem suas horas vagas para discutirem o futuro do Brasil. Pior seria se estes cidadãos ainda acreditassem em quarteladas e golpes de Estado como panacéia para todos os males.

Como hoje se encerra a Semana do Exército, parece ser um gesto simpático dizer aos oficiais graduados reunidos em torno do general Euclides Figueiredo ou de outros chefes militares que conspirar, em si, não é um hábito intrinsecamente reprovável. O busílis da questão está nas idéias a serem postuladas, cuja validade depende do endosso de todos os cidadãos, fardados ou não.